

PALAVRAS DO PRESIDENTE: O BRASIL NOS DISCURSOS DE MÉDICI.

CAROLINA MARIA ABREU MACIEL*

“A convenção nos diz, a alma assim o quer, esta noite é o fim e o princípio”.

Emílio Garrastazu Médici

Introdução

Os brasileiros, ao longo dos 21 anos em que o Brasil foi governado pelos militares (1964-1985), viram seus direitos básicos cerceados. Naquele período, as prerrogativas legais, estabelecidas pela Constituição, promulgada em 1946, foram suprimidas. As garantias que asseguravam o direito de greve e de livre associação sindical, a liberdade de opinião e de expressão foram suspensas. Nesse cenário, o dia 31 de março de 1964 inaugurou um tempo no qual os direitos dos cidadãos foram vilipendiados e deram lugar aos atos institucionais, medidas outorgadas pelo regime que legitimaram as ações repressivas e autoritárias dos novos “chefes” do país.

Uma das fontes nas quais podemos ver claramente como se deu esse sistema de opressão e legitimação imposto pelo regime militar são os discursos presidenciais. Nesses textos, estão contidos muitos dos desejos e pensamentos da cúpula de gestão do país. É claro que a fala presidencial não é, apenas, a tradução das palavras do presidente. Nesses enunciados, nem sempre produzidos pelos punhos presidenciais, estão peças de uma maquinaria de poder cuja materialidade denuncia jogos e artimanhas dos salões e saletas do Planalto Central.

Este trabalho tem como objetivo analisar como esses discursos presidenciais, mais especificamente os discursos pronunciados pelo presidente Emílio Garrastazu Médici, buscam legitimar ideologicamente as ações repressivas do Governo e como as palavras escolhidas para compor o texto traduzem o pensamento governamental em relação ao “cidadão de bem” e os outros indivíduos e sujeitos que compunham/compõem a sociedade brasileira. Os

* Bolsista do Programa de iniciação a Docência – PID da Universidade Federal do Ceará.
Orientação: Prof. Dr. Jailson Pereira da Silva.

discursos escolhidos para a análise são respectivamente o texto de posse, que foi proferido no dia 30 de outubro de 1969, em sessão conjunta do Congresso Nacional, presidida pelo Senador Gilberto Marinho, intitulado “*Mundo sem Fronteiras*”, o discurso de final de ano, passagem de 1969 para 1970, transmitido em rede nacional (rádio e televisão) no dia 31 de dezembro de 1969, com o título “*Os quatro horizontes do futuro*” e por último o texto de celebração do 7º aniversário da Revolução de 1964, tendo como título “*Tempo de construir*”, pronunciado no dia 31 de março de 1971, também transmitido nos rádios e televisões de todo o território nacional.

O período em que o presidente Médici esteve à frente do governo brasileiro estende-se de outubro de 1969 a março de 1974¹. Entre as mudanças que marcaram esse período, destacam-se o “Milagre econômico”, a vitória na Copa do Mundo de 1970 e a promulgação da lei nº 5296/71 (Lei de Diretrizes e Bases da educação). Essas transformações, aliadas às ações de desarticulação da luta armada, criaram um clima de relativa estabilidade política, refreando, também, os ímpetos da linha mais radical dos militares, que pretendiam tornar ainda mais rígidas as ações contra os grupos contrários aos interesses da *revolução*.

A despeito desse cenário de mudanças, no entanto, não se deve esquecer que, naquele período, a tortura foi usada como política de Estado, sendo o momento de maior repressão contra os ditos “subversivos”.

Com o “Milagre econômico”, a economia brasileira passou a navegar em águas mais tranquilas. Sendo os anos de 1969 a 1973, o período de maior desenvolvimento e crescimento econômico do país. Segundo Freitas (2005: 4)

A economia cresceu a altas taxas anuais, como visto, baseado no aumento da produção industrial, o crescimento das exportações e a acentuada utilização de empréstimo externo. Em compensação, o lado social ficou à margem do desenvolvimento, principalmente com um achatamento da renda, via uma rígida política de arrocho salarial, diante da qual os trabalhadores e os sindicatos não podiam reagir.

1 O Ato institucional nº16, de 14 de outubro de 1969, dispunha em seu art. 5º o fim do mandato do próximo presidente: “O mandato do Presidente e do Vice-Presidente da República, eleitos na forma do artigo anterior, terminará a 15 de março de 1974”, pondo fim ao governo do presidente Médici.

Porém, com todo esse crescimento rápido da economia brasileira, a parcela a ser beneficiada pelo momento economicamente positivo do Brasil foi muito pequena, como já foi tantas vezes anotado “o bolo foi desigualmente repartido”. E, assim, as camadas mais pobres da população não foram beneficiadas. Ainda de acordo com Freitas,

Sem dúvida, o aspecto mais negativo do "milagre" foi a desproporção entre o avanço econômico e o retardamento ou mesmo o abandono dos programas sociais pelo Estado, reflexo da estratégia delfiniana de aumentar a riqueza nacional, crescer financeiramente, para depois, só então pensar em políticas de repartição da riqueza. O Brasil iria se notabilizar no contexto mundial por uma posição relativamente destacada pelo seu potencial industrial e por indicadores muito baixos de saúde, educação e habitação, que medem a qualidade de vida de um povo. (FREITAS, 2005: 12)

Em meio a esse desenvolvimento para poucos, os órgãos repressores do governo andavam caçando os opositores do regime. Os anos do governo Médici são conhecidos como os “Anos de Chumbo”, por serem considerados os mais repressivos do período militar. A censura é imposta a todos os meios de comunicação, levando à população apenas os conteúdos que interessavam à criação do “cidadão cívico”: indivíduo de ética e moral supostamente baseado nos “preceitos cristãos”, seguidor incontestemente das ordens de desmandos dos gabinetes do poder.

Não houve uma única censura durante o regime militar, mas duas. A censura moderna de diversões pública existia no Brasil, de maneira oficial, desde 1946. Integrava, por exemplo, a rotina profissional do pessoal do teatro, nada havendo de novo (após 1964) na presença de um censor durante o ensaio, nem nos atritos entre a classe e a censura moral das peças, com o tempo também praticada contra o rádio, o cinema, a TV e até mesmo os circos e as churrascarias com música ao vivo. (FICO, 2004: 269)

A partir dos discursos proferidos pelo Presidente Emílio Garrastazu Médici, alguns disponíveis no site da Biblioteca da Presidência da República² e outros que, compilados nos anos 1970, originaram o livro intitulado *A verdadeira paz*³, poderemos refletir sobre os usos

² No site da Biblioteca da Presidência da República é disponibilizado algumas informações importantes sobre o período de governo dos ex-presidentes brasileiros, como por exemplo, Médici, Geisel, Costa e Silva entre outros. Dentre essas informações o site contém alguns discursos proferidos por esses presidentes. Site: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/ex-presidentes/emilio-medici>

³ O livro *A verdadeira paz* foi publicado em 1970, pela editora da imprensa nacional. No livro constam 18 discursos pronunciados em locais diferentes pelo então presidente brasileiro Emílio Garrastazu Médici.

da palavra/dos discursos a favor da difusão de uma ideologia que, ao mesmo tempo em que se afirmava salvadora da sociedade, aprisionava os direitos constitucionais e torturava quem não aceitava o Brasil do “Ame-o ou deixe-o”.

Para facilitar a compreensão/construção deste trabalho, optamos por categorizar as falas do presidente Médici, partindo de temas centrais como - Esperança, Família e Progresso - contidas nos discursos escolhidos para a análise.

Obviamente, entendemos que nessas falas existe uma multiplicidade de sentidos, pois, como nos indica Durval Muniz, “nenhum discurso ou pronunciamento tem um único sentido possível, permite uma só leitura ou uma só decodificação. Um texto permite várias leituras que se modificam, inclusive com o passar do tempo e o contexto de recepção que se altera”. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2009: 239)

Um olhar apressado sobre os textos escolhidos para a análise pode deixar a impressão de que a proposta de nosso trabalho envereda pelo caminho de um estudo sobre o conteúdo textual. Porém temos como ponto de problematização as possibilidades de significação que aquelas palavras, em conjunto, tem para os seus receptores. De certo modo, acreditamos que os códigos de endereçamento utilizados nos discursos presidenciais catalisam forças que nos ajudam a traduzir algo da historicidade, do tempo, no qual eles circularam. Sabemos que muitos eram os receptores, pois a publicização dos pronunciamentos presidenciais tinham ampla divulgação por todos os meios de comunicação, ou seja, conseguia atingir um grande público.

De acordo com Helena H. Nagamine Brandão, os discursos não podem ser neutros, pois “*todo discurso produz sentidos que expressam as posições sociais, culturais, ideológicas dos sujeitos da linguagem*” (BRANDÃO, 2009: 3). Assim, ao propormos uma análise desses três discursos presidenciais, procuramos sentidos que legitimaram as ações do Estado, sejam elas contra os opositores, ou àquelas que divulgavam o imaginário de desenvolvimento do país.

“Homens de meu país!”

Logo no primeiro discurso, em 30 de outubro de 1969, intitulado *Mundo sem Fronteiras*, o novo presidente brasileiro, Emílio Garrastazu Médici, dirige sua fala aos

Homens do meu país, e afirma que “*Neste momento, eu sou a oferta e a aceitação. Não sou promessa. Quero ser Verdade e confiança, ser a coragem, a humildade, a união*”. Ao se apresentar ao povo como **homem do campo, homem da fronteira, homem de meu tempo, homem da revolução, homem de família**, mostra-se pertencente a um amplo espectro de sociabilidades espaço-temporais, “*venho como sempre fui. Venho do campo, da fronteira, da família; venho do povo, da caserna; venho de minha terra de meu tempo*”, deixando claro que, por entender-se como “*homem do povo*” não haverá desigualdade em seu governo. E assim, por incorporar todos “esses homens” em si, nosso presidente desenvolve ao longo de sua fala a crença nos brasileiros e como cada um deve ser sujeito integrante no progresso da sociedade.

Homem do campo, creio no homem e no campo. E creio em que o dever desta hora é a integração do homem do interior ao processo de desenvolvimento nacional. [...]
Homem da fronteira, creio em um mundo sem fronteiras entre os homens. Sinto por dentro aquele patriotismo aceso dos fronteiriços, que estende ponte aos vizinhos, mas não aceita injúrias nem desdêns, e não se dobra na afirmação do interesse nacional. [...].

Homem de família, creio no diálogo entre as gerações e as classes, creio na participação. Creio que a grandeza do Brasil depende muito mais da família que do Estado, pois a consciência nacional é feita da alma de educador que existe em cada lar. [...]. E creio na missão de humanidade, de bondade e de amor que Deus confiou à minha gente. [...].

Homem da caserna, creio nas virtudes da disciplina, da ordem, da unidade e comando. [...]

Homem do povo, creio no homem e no povo, como nossa potencialidade maior, e sinto que o desenvolvimento é uma atitude coletiva, que requer a mobilização total da opinião pública. É, porque assim o creio, e porque o sinto amadurecido para a tarefa global, é que buscarei ouvi-lo sempre.

Homem de meu tempo, tenho pressa. [...]

Homem da Revolução, eu a tenho incontestável, e creio no ímpeto renovador e inovador de seus ideais. [...]

Homem da lei e do regulamento, creio no primado do Direito. E, porque homem da lei, é que pretendo zelar pela ordem jurídica. [...]

E, homem de fé, creio nas bênção de Deus aos que não têm outros propósitos que não sejam os do trabalho da vida inteira, os da justiça e os da compreensão entre os homens. [...]⁴

Assim, ao crer no povo, o presidente imbuído pelo sentimento de pertença a cada grupo de homens que constituem a nação, convoca o povo “*à participação de todos os que acreditam na compatibilidade da democracia com a luta pelo desenvolvimento, para que ninguém se tenha espectador e todos se sintam agentes do processo*”. Ao tomar para si, a responsabilidade de “*coordenar e integrar*” a sociedade nesse dever de progresso, nesses anos

⁴ Discurso de posse do Presidente Emílio Garrastazu Médici, em 30 de outubro de 1969.

em que estará à frente do governo do país, almeja colocar o Brasil mais próximo aos países ricos, propondo um “*mundo sem fronteiras entre países e homens ricos e pobres*”, Médici vê-se como protetor dos ideais da revolução, ideias que são incontestáveis, propondo uma revolução nos campos educacional, da saúde, da agricultura para “*libertar nosso homem de seus tormentos maiores e integrar multidões ao mundo dos homens válidos*”, e para isso a sociedade como um todo, unido deve estar à frente dessa luta.

Os discursos mostram-se cheios de esperança e oportunidades que nessa nova fase o Brasil possa continuar trilhando seu brilhante caminho rumo ao progresso, ideias essas que vão continuar permeando todos os pronunciamentos presidenciais.

Esse Brasil múltiplo possui, enfim, um líder múltiplo. Mas, de forma ardilosa e paradoxal, Médici apresenta-se como um sujeito representativo das diversas subjetividades que constituem a sociedade brasileira. No ápice de sua estrutura política, o país se une, no seu presidente. O Brasil multifacetado e plural encontra sua singularidade, sua unidade, no seu presidente que, sendo um, é todos. Buscando expor suas diferentes faces de sujeito, o presidente aposta no “jogo das identidades”, aproveitando o que cada uma das subjetividades expostas pode trazer de força à sua dramatização como condottiere.

“Brasileiros de toda parte, meus amigos.”

Em comemoração à chegada de mais um ano (virada de 1969 para 1970), o discurso “*Os quatro horizontes para o futuro*”, nos mostra exatamente, que o sentimento de esperança deve nos guiar a um futuro próspero.

A convenção nos diz, a alma assim o quer, esta noite é o fim e é princípio. É tempo de retrospecto; de rever o que passou; de retemperar nossa vontade e de fazer previsões. Tempo de firmar propósito e de jurar vida nova; tempo de enxugar a lágrima da esperança morta e de acendê-la outra vez.⁵

Nesse novo ano que chega, as esperanças são renovadas, os erros são retratados e assim um futuro melhor para o Brasil virá como resultado. O presidente “fala” com/para o “*homem heroico que cumpre no silêncio o seu dever*”, para que este “*se faça ainda mais vigilante, para que não se acobertem a seu lado os irrecuperáveis, os que continuarem a*

⁵ Discurso proferido no dia 31 de dezembro de 1969, comemoração da chegada do ano de 1970. p. 81.

roubar, a matar, a corromper, insensíveis ao chamamento da razão e do patriotismo". Médici reconhece o empenho do cidadão, que não se deixou enganar pela subversão e apela aos que encontraram *"um caminho que não é nosso"*, que façam um *"exame de consciência e a si respondam sobre a perturbação e o retardamento que êsses descaminhos trazem à livre ascensão de nosso povo"*, ou seja, que os culpados pelo atraso do Brasil, reflitam sobre seus atos e que possam mudar e servir à pátria como *"bons cidadãos"*.

A passagem do ano é para o presidente o momento em que se deve estar na presença da família para que *"nos tenhamos fortes nas incertezas que virão"*, estar junto à família é base de força para o brasileiro que caminhará sem medo pelos quatro horizontes (o ano novo, o quadriênio do seu governo; a década de 70 e os últimos 30 anos do século XX) que a nova década revelará. Médici aproxima-se, *"pelo pensamento e pela esperança renovada, nesta hora de travessia, no círculo de meus parentes, dos amigos de perto de mim, e na família amplificada do povo de meu país"*, do lar de cada um, para mostrar que esse momento é de transição para as transformações que o país irá passar.

O presidente, em meio aos apelos e desejos feitos ao povo, por fim doa-se por inteiro à Nação, *"E eu darei, ao brasileiro que constrói êste Brasil, as energias tôdas de minha vida, o saldo de paz, de tranquilidade, de segurança e de progresso, que frutificar de minha devoção ao bem público e à defesa inarredável do interêsse nacional"*, fazendo sua parte, como líder, para que o ano que se inicia possa trazer bons frutos ao país.

Não podemos esquecer que o desenvolvimento do Brasil depende principalmente dos brasileiros que não esmorecem diante das dificuldades e é com esse pensamento que o presidente pede *"a todo brasileiro que coloca o Brasil acima de tudo – que não se esconda, nem se poupe, nem se limite, na timidez, na modéstia, ou sob disfarce qualquer"*, apoio incondicional por ter a certeza *"na viabilidade econômica de nosso País que, assim pedindo, assim renovando o meu propósito de servir ao povo, sinto, no meu voto a força das antecipações, certo de que Deus reserva a nosso povo, neste ano de 1970, um feliz Ano Nôvo"*.

Assim, novamente Médici monta suas palavras como um pêndulo oscilante, que balança entre diferentes subjetividades. Desta feita, no entanto, o jogo é entre a família e o país, entre o público e o privado, entre o atraso e o progresso. Com astúcia, entre o passado e o futuro dos quatro horizontes, o discurso destaca o presente, que é apresentado como o

tempo das verdadeiras e necessárias transformações para construção de um país melhor.

“Homens e Mulheres de meu país!”

No início do texto proferido, no dia 31 de março de 1971, em rede nacional de rádio e televisão, em comemoração ao 7º aniversário da Revolução de 1964, o presidente declara ao povo sua satisfação de ser o continuador das melhorias que o Brasil passou ao longo dos dois governos anteriores.

A Nação é testemunha do empenho de meu governo, desde o seu primeiro dia, em dar prosseguimento a tôdas as medidas que visem à progressiva estabilização da moeda, à crescente expansão do produto nacional e à mais justa distribuição da renda, de forma que o Brasil, seja, afinal, um tecido homogêneo de homens e terras, e não mais o chão de tôdas as desigualdades.

E a Revolução se fez necessária para que o povo, *“fonte legítima do poder”*, pudesse caminhar em terras firmes e não por *“descaminhos”* que levavam a Nação á *“rumos contrários às aspirações e interesses nacionais, marcados de desmandos administrativos e demagógicos [...]”*.

O discurso continua descrevendo como o país cresceu economicamente nesses anos fecundos do governo revolucionário. Mostrando ao povo brasileiro como *“É imenso o esforço revolucionário quanto à infra-estrutura de energia, transporte e comunicações”*. Nesse discurso, a Nação é mãe que une os brasileiros numa grande família com o objetivo de crescimento igualitário da sociedade.

Outro destaque na fala presidencial dirige-se ao campo educacional. Dando ênfase investimentos em Educação, as palavras tratam o tema desviando das questões ideológicas, centrando sua exposição nos aspectos quantitativos.

Nunca em nossa História tanto se investiu em Educação e tanto avanço se fêz, em dignificação de professôres, em construção de escolas, em mudanças de ciclos e programas e em absorção de novas tecnologias educacionais. Também muito me alenta a colheita no campo da educação de massa, em que o MOBREAL conseguiu alfabetizar 560 mil brasileiros, de 14 a 35 anos, inicialmente nas áreas urbanas e

apenas em 6 meses de trabalho, que em outras fases, se estenderá às áreas rurais e a outras faixas etárias.

Em agosto deste mesmo ano, o governo aprovará a nova Lei de Diretrizes e Bases da educação nacional, que virá com uma série de mudanças na estrutura curricular das escolas. Com a nova lei, o ensino tecnicista ganhou destaque. Na lógica governamental, era preciso preparar os futuros cidadãos brasileiros para que entrassem no mercado de trabalho. A formação do trabalhador, no entanto, exigia celeridade, pois precisava acompanhar *pari passu* a velocidade com que o progresso consome mão de obra técnica. Essa celeridade, obviamente, impunha uma formação na qual o sujeito-trabalhador, executor de tarefas, se tornava mais importante que o sujeito-cidadão, questionador e crítico do mundo que o cerca.

Dando continuidade aos investimentos que a Revolução está proporcionando à sociedade brasileira, Médici ao visitar o “*povo nordestino*”, em julho de 1971, observa que as “*condições de sobrevivência a seca*” são “*quase trágicas*”, afirma que “*o Govêrno Federal muito mais preocupado com o nordestino do que com o Nordeste, além da ajuda de emergência, haveria de se empenhar na transformação das estruturas sócio-econômicas*”.

A integração nacional é o carro chefe das políticas apresentadas pelo presidente, e essa integração vem atrelada ao desenvolvimento no campo, pois a metade da população brasileira, naquele período, vivia no campo.

Todos os avanços que, ao longo destes anos, povo e Govêrno estamos realizando, estão a demonstrar que são duas as condições a satisfazer para o advento do regime de vida que o nosso povo merece: segurança nacional capaz de sustentar um rápido desenvolvimento econômico e social, e continuada vivência política, que associe o Estado e vontade popular.

Assim, por todos os investimentos feitos nos mais diversos cantos do país, os brasileiros podem ficar sossegados quanto aos esforços empreendidos pelo presidente para o progresso do Brasil, pois não poderíamos, sendo uma nação independente, “*continuar copiando as experiências políticas alheias*”. Por fim, Médici, mais uma vez, afirma sua confiança nos ideais revolucionários, dizendo que “*a Revolução de Março de 1964 haverá de ficar na História como o tempo em que se construiu a grandeza deste país*”.

Nas palavras do presidente, “o tempo em que se construiu a grandeza” desse país

deveria ser mais importante do que os custos que esse país teria/teve que pagar por essa mesma grandeza. O tempo, no entanto, não é substância pertencente aos presidentes nem aos governos. O tempo é, antes, matéria-prima da História. E é ela quem nos mostra outras marcas que aqueles tempos deixaram sobre as nossas subjetividades.

Considerações Finais

Buscar entender as várias formas pelas quais o período de governo dos militares foi legitimado é uma forma de não naturalizar um momento na história brasileira que mesmo já tendo muito se escrito ainda é obscuro para muita gente. Os discursos presidenciais são fontes, de extrema importância, que acabam sendo esquecidas nas gavetas do Planalto Central, ficando por baixo dos escândalos, das roubalheiras, das práticas que aprofundam as desigualdades, que tantos políticos questionam em seus pronunciamentos. O estudo dessas falas vem contribuir para o não esquecimento de uma das feridas que continuam abertas, latejando no peito do povo brasileiro.

Entendendo que *o discurso é uma forma de atuar, de agir sobre o outro* (BRANDÃO, 2009: 4), o que se propôs nesse texto foi perceber como os dizeres são utilizados dentro de um sistema governamental, no qual seus representantes tomaram para si plenos poderes, intitulado-se salvadores da democracia, tendo como justificativa a defesa da solidariedade, paz, família e esperança, trazendo destruição e dor para muitos brasileiros que lutavam pela restituição de seus direitos ou por uma sociedade que acreditavam ser igualitária.

Em seus discursos, Médici pensa o Brasil como uma grande família, núcleo fundamental que alicerça o futuro no qual o país está caminhando, momento em que alguns, por não estarem em comunhão com ideário *revolucionário* tentam a todo custo destruir. Por estar à frente desse progresso que abre as portas para a nação, seu papel, como líder nacional, é não deixar que a Esperança esmoreça, sendo esse sentimento que une os discursos estudados. Era enfim um engodo esses dizeres que tentavam nos convencer de que, juntas, a *Esperança* e a *Família*, o levariam o Brasil ao tão sonhado *Progresso*.

BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *Discursos e pronunciamentos. A dimensão retórica da historiografia*. In: PINSKY, Carla; LUCA, Tânia de. *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 223 – 249.

BURKE, Peter. *A história dos acontecimentos e o renascimento da narrativa*. In: *A escrita da História – Novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992, p. 327 – 348.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 2. ed. rev., Campinas: Editora Unicamp, 2004.

_____. **Analisando o discurso**. Texto publicado em 2009, no site do Museu da Língua Portuguesa – Estação da Luz. Disponível em:

http://www.museulinguaportuguesa.org.br/colunas_interna.php?id_coluna=1

COMBLIN, Joseph. **A ideologia da Segurança Nacional: o poder militar na América Latina**. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1978.

FICO, Carlos. **A pluralidade das censuras e das propagandas da ditadura**. In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. (orgs.) *O golpe e a ditadura militar 40 anos depois (1964 – 2004)*. Bauru, SP: edusc, 2004. p. 265 – 276.

FREITAS, Cosme Luiz V.. **As relações da política econômica brasileira de financiamento externo com o “Milagre Brasileiro”**. Artigo disponível no site da UNIEURO:

https://www.unieuro.edu.br/downloads_2005/hegemonia_02_01.pdf, p. 2 -14.

Último acesso em: 13.02.2013

MÉDICI, Emílio Garrastazu. **A verdadeira paz**. Brasília: Secretaria de Impr. da Presidência de República, 1971.

POSSENTI, Sírio; PAULILLO, Rosana; RANGEL, Egon de Oliveira; ALBUQUERQUE, J.A. Guilhon de; SADEK, Maria Tereza Saina; LAMOUNIER, Bolívar. **Análise do Discurso Político: abordagens**. São Paulo: EDUC, 1993.

REVEL, Judith. **Michel Foucault: conceitos essenciais**. São Carlos: Claraluz, 2005.